

## Mobilizando saberes insurgentes pelo balançar dos nossos pavilhões<sup>1</sup>

Everton Arruda Irias

Ingressei na EMEF Romão Gomes em 2024. Era meu primeiro ano nessa escola e me foram atribuídas as turmas de 1<sup>os</sup>, 2<sup>os</sup> e 3<sup>os</sup> anos. Os 1<sup>os</sup> anos participavam do Programa SP Integral e, por isso, frequentavam comigo duas aulas semanais de Educação Física e mais uma de Territórios de Aprendizagem. Nas reuniões de planejamento do início do ano, fui orientado a definir um tema específico para cada componente.

Cabe aqui fazer uma breve descrição da escola e do bairro. A EMEF Romão Gomes está situada no Parque Novo Mundo, na zona Norte de São Paulo, bem próxima à Marginal Tietê, numa região com muitas indústrias, transportadoras, prédios etc. A maior parte dos(as) estudantes, muitos(as) deles(as) bolivianos(as), colombianos(as), haitianos(as), nigerianos(as), residem num conjunto popular do projeto Cingapura, numa ocupação conhecida pelo nome da rua onde se ela se encontra, *Baracela*; e nas chamadas casinhas, moradias à beira de um córrego.

Após conhecer um pouco melhor o território e as crianças, e por meio de rodas de conversa, ouvir suas experiências e observar o ambiente escolar, no que diz respeito ao uso dos espaços, projetos desenvolvidos, formato das relações interpessoais etc., consegui definir algumas práticas corporais que foram tematizadas ao longo do primeiro semestre: capoeira, ginástica geral e brincadeiras de diferentes povos.

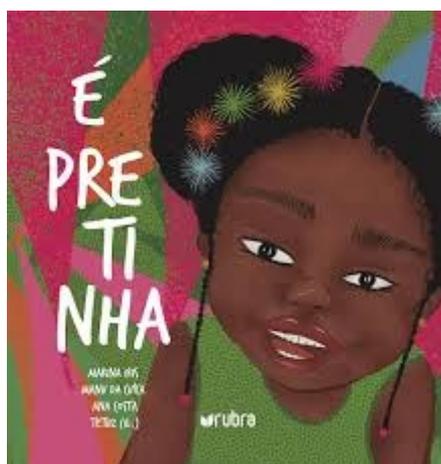
Nesse período também pude acessar atividades propostas pela escola, visitar espaços culturais das redondezas e escutar membros da comunidade sobre sua relação com a instituição. Enquanto isso, as turmas do Ensino Fundamental II assistiram a uma apresentação de sambistas e, na sequência, puderam interagir e tocar instrumentos. Algumas crianças e seus familiares frequentam a quadra da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, participando dos ensaios e projetos. Durante a tematização da capoeira, conheci e visitei a Casa de Capoeira Angola, que fica no Cingapura. Lá acontecem aulas de

---

<sup>1</sup> Este relato de experiência encontra-se disponível em vídeo: <https://youtu.be/jiD5sg41hiM>

capoeira, encontros de samba de roda, apresentações de bumba meu boi e também é mantido um museu de mamulengos e outros artefatos da cultura nordestina. O conjunto dessas experiências levou-me a constatar a forte presença do samba no território e a decidir pela sua tematização no segundo semestre.

Iniciamos os trabalhos com a leitura do livro *É Pretinha*, escrito por quatro sambistas negras do Rio de Janeiro. O livro conta a história de uma menina que presencia uma roda de samba ficando embaixo da mesa. A garota descreve as vestimentas dos participantes, os instrumentos que tocam e relata as memórias despertadas pela feijoada. Algumas páginas trazem um QR code que encaminha a um samba, composto e cantado pelas próprias escritoras e que se relaciona com as passagens narradas.



“Professor, eu já escutei essa música na minha religião”.

“Eu acho que esse ritmo que está tocando é um samba”.

“E o que vocês sabem sobre o samba?”

“É uma música que os tambores ficam batendo, e tem pandeiro”.

“Lá na Bahia, eu assisti samba, tinham dois tambores, um que as pessoas tocavam com um pau e o outro com dois, e tinha chocalho também”.

“Vamos de pagodim, tocando um pandeiro e um gole com gim”, professor essa é a música do MC Daniel.

“Tem vídeo no YouTube ensinando como dançar, e tem samba no carnaval também”.

“A prima da minha avó é porta-bandeira”.

“No samba da Vila Maria, todo ano tem uma festa, e tem um quadro grandão de quando eles foram campeões”.

“Olha como se samba, professor”.

Estimuladas pela leitura, as crianças expressaram seus conhecimentos e significados atribuídos ao samba. Aproveitando o ambiente favorável, perguntei como conseguiríamos saber mais sobre essa dança. Diante da profusão de ideias, uma criança sugeriu perguntar para outras pessoas. Foi então que propus entrevistarmos funcionários da escola. Coletivamente, preparamos algumas questões e, na aula seguinte, organizadas em pequenos grupos, munidas de uma folha para registro encabeçada pelas perguntas, caminharam pela escola interpellando pessoas adultas que encontravam e registrando novos conhecimentos sobre o samba. Enquanto isso, circulei pelo espaço para observar o desenvolvimento da atividade. Flagrei grupos adentrando às salas da direção e da coordenação pedagógica, professoras sambando sob olhares atentos, funcionários(as) responsáveis pela limpeza explicando e gesticulando, enquanto as crianças anotavam tudo o que podiam. Retornando para a sala de aula, foram convidadas a compartilhar com a turma suas impressões e entregaram suas anotações.



Transcrevi todos os registros nos slides de um arquivo PPT e apresentei-os às crianças, que continuaram a compartilhar um pouco mais do que viram e escutaram durante as entrevistas.

“O samba é um ritmo popular brasileiro com dança e música”.

“É uma manifestação cultural”.

“É um ritmo musical com origem na cultura africana”.

“É um estilo musical muito popular no Brasil”.

Os(As) estudantes citaram algumas músicas que, para eles(as), seriam sambas. “Vamo de pagodin”, “Samba lê lê”, “Não deixe o samba morrer”, “Vila Maria, você mora no meu coração”... Ao som destas músicas, sambaram, algumas sozinhas, outras em grupos formando rodas, pulando e girando. No final da atividade, sugeri que conversassem com os(as) familiares e coletassem outros sambas para embalar as nossas aulas.



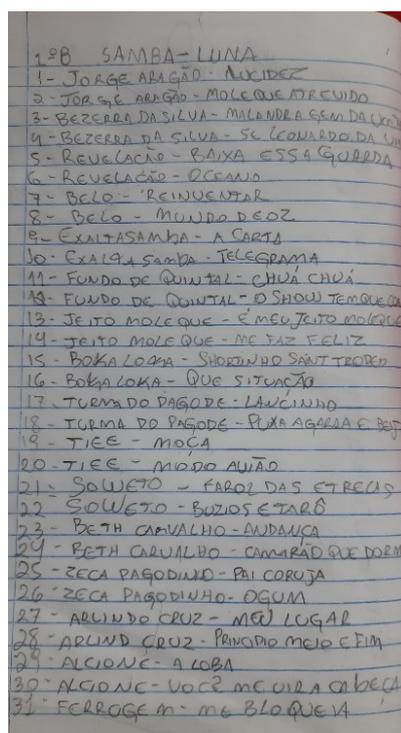
Retomando as anotações que fiz das músicas mencionadas pelas turmas, selecionei vídeos no YouTube<sup>2</sup> de pessoas sambando e explicando como se samba no pé. Tentei selecionar vídeos que mostrassem diferentes corpos sambando. Após assistirem aos vídeos, as crianças tentaram dançar o samba no pé. Encontraram algumas dificuldades para executar os gestos observados, mas acabaram propondo outras formas de sambar.

*“Olha o sapato que ele está usando para dançar, professor”.*

*“Acho que é mais fácil sambar com sapato, por que ele desliza mais”.*

*“E olha também o piso onde eles estão dançando, é diferente do nosso professor, também parece mais liso e desliza mais”.*

Uma das alunas, a Luna, me procurou no final da aula, mostrando uma extensa lista de sambas que ela elaborou junto com seu pai. Disse-lhe que iria procurá-las na internet e separá-las para dançarmos nas próximas aulas. O que efetivamente aconteceu nas semanas seguintes.



<sup>2</sup> Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tjh1wq24kTk>;  
<https://www.youtube.com/watch?v=Oi-GNhNChUo>;  
<https://www.youtube.com/shorts/HJrXyRxIx2Q>;  
<https://www.youtube.com/watch?v=h51x2PMSfGg>;  
<https://www.youtube.com/watch?v=INqjATrQJYQ>

Preparei uma apresentação com muitas imagens e descrições curtas das alas e dos componentes de uma escola de samba, como a Unidos de Vila Maria. Focamos o nosso olhar para a porta-bandeira e o mestre-sala: “o que carregam?”, “como dançam?”, “quais vestimentas utilizam?”, “qual o papel desempenham na agremiação?” Uma das alunas, a Ana Caroline, cuja prima da avó é mestre-sala, fez alguns comentários sobre a sua família. Novamente, a Luna se pronunciou e disse que a porta-bandeira carrega a bandeira da escola de samba. Ela se levantou, foi até a frente da sala e disse: “é assim que ela gira”, com uma das mãos na cintura e a outra simulando estar segurando o mastro de uma bandeira, ela girou de um lado para o outro, ao mesmo tempo em que explicava que a cabeça sempre deveria girar primeiro.

Mostrei algumas imagens de bandeiras de escolas de samba. Expliquei que também são chamadas de pavilhões. Conversamos sobre o passado das escolas de samba, sobre as balizas, o surgimento das porta-bandeiras, a importância e necessidade dos pavilhões, a simbologia contida nos mesmos, além das regras para ser porta-bandeira e mestre-sala nos tempos atuais. Também conversamos sobre o comportamento dos(as) demais integrantes de uma escola de samba diante do pavilhão. Propus, então, que produzíssemos nossos próprios pavilhões, cada turma do 1º ano faria o seu.

Era preciso definir a imagem que estaria no centro de cada pavilhão. Cada criança recebeu uma folha e criou um desenho que poderia estar bandeira. Gostaria muito que todos os desenhos estivessem representados nos pavilhões, entretanto, isso necessitaria a produção de muitas bandeiras, algo que seria inviável naquele momento e, por isso, colei todos os desenhos numa parede, e por meio de uma votação, cada turma elegeu o desenho que estaria no centro do seu pavilhão. Além disso, decidi quais cores comporiam a sua bandeira.



Aproveitei um sábado letivo para pintar as bandeiras feitas com tecido TNT, colar cada desenho no centro do pavilhão e fixar a bandeira num cabo de vassoura transformado em mastro.



Procurei o professor responsável pelo convite ao grupo de samba que interagiu com os estudantes maiores no semestre anterior, a fim de verificar a possibilidade de que eles também pudessem participar de uma roda de conversa com as crianças dos 1<sup>os</sup> anos. Ele conseguiu articular com um dos sambistas que, prontamente, confirmou a presença. Meu colega de Educação Física, responsável pelas aulas dos 4<sup>os</sup> anos junto às quais tematizava a dança também mostrou o interesse em envolver suas turmas na atividade.

O sambista nos prestigiou com a sua presença numa sexta-feira à tarde, trazendo consigo seu banjo. Infelizmente não tomamos as melhores decisões no que diz respeito a organização dos espaços e do tempo. Optamos por realizar o encontro no pátio por conta do palco. Devido ao tempo disponível, decidimos por juntar as seis turmas que participariam da roda de conversa, 3 do 1<sup>o</sup> ano e 3 do 4<sup>o</sup> ano. Como consequência, o ambiente ficou bastante barulhento e tumultuado. Tudo isso somado à deficiência dos equipamentos de som, foi impossível ouvir o convidado e as perguntas dos(as) estudantes. Mesmo assim, disponibilizamos instrumentos musicais da escola para que algumas crianças pudessem subir ao palco, tocar e cantar, junto com o sambista. No final, todos(as) também foram convidados a subir ao palco para dançar. Confesso que saí bastante decepcionado com a atividade, acreditando que a participação do representante do samba poderia ter sido bem melhor aproveitada.



Na semana seguinte, apresentei os pavilhões as turmas e as crianças ficaram fascinadas. Espalhei alguns instrumentos musicais na quadra para que pudessem experimentá-los: surdo, caixa, ganzá, tamborim, reco-reco. Durante a entrevista com o sambista, poucas crianças conseguiram manuseá-los. Fizemos uma primeira experiência com os pavilhões, músicas de escola de samba tocando no aparelho de som e os pavilhões. Alguns meninos e algumas meninas arriscaram dançar com o pavilhão. Na turma do 1º ano B, a Luna, sem que eu tivesse orientado, ajudou seus colegas a girar com o pavilhão. Anteriormente, havíamos pesquisado que o casal de mestre-sala e porta-bandeira não sambam no pé. A porta-bandeira realiza giros e apresenta o pavilhão para o público, enquanto o mestre-sala dança em volta dela como se estivesse a proteger o pavilhão e a conquistar a porta-bandeira. Algumas crianças saudavam o pavilhão quando ele passava:

“Professor é assim, quando o pavilhão é apresentado, todo mundo precisa abaixar a cabeça e bater palmas”.

Algumas crianças beijavam o pavilhão, colocando as mãos em volta da bandeira e beijando o dorso da própria mão. Nas escolas de samba esse é um gesto comum, a fim de evitar que a bandeira seja manchada com batom, gordura etc.



Assistimos alguns vídeos<sup>3</sup> mostrando gestos realizados pela porta-bandeira e pelo mestre-sala. As crianças passaram a rodiziar-se nessas funções, para dançar com o pavilhão.



Preparei alguns slides repletos de imagens e breves explicações para conversar com as crianças sobre as transformações no samba e as personalidades importantes desse processo. Propositadamente enfatizei a

---

<sup>3</sup> Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=zCyo3OGXM8s;>  
<https://www.youtube.com/watch?v=Js57VGYIQAk;> <https://www.youtube.com/watch?v=b6SKL-eFgO8>

relevância das pessoas negras e o quanto influenciaram a dança. Conversamos sobre Tia Ciata, Donga, Pixinguinha, Ismael Silva, Cartola, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara e Arlindo Cruz. Assistimos a um episódio<sup>4</sup> do Canal da História, do Canal Futura, que resume a vida da Tia Ciata. Durante essa conversa, falamos também sobre a influência do samba de roda da Bahia na maneira como entendemos a dança na atualidade, além dos encontros que ocorriam no quintal de Tia Ciata.

Desta maneira, nos afastamos um pouco do samba de Carnaval para navegarmos pelo samba de roda do Recôncavo Baiano. Convidei uma aluna do 3º ano que frequentava a Casa de Capoeira Angola do bairro, e que já havia participado de algumas rodas de samba que ocorriam por lá para conversar com as turmas do 1º ano. Infelizmente, ela ficou adoentada e não conseguiu participar das nossas aulas. Também fiz o convite para o responsável por essa instituição para vir à escola, mas não conseguimos conciliar uma data, tendo em vista que a instituição mantém uma Companhia de Dança que estava com agenda cheia, tanto para ensaios quanto para apresentações.

Sendo assim, analisamos trechos de um documentário<sup>5</sup> mostrando um pouco do samba de roda em cidades da Bahia: seus praticantes, instrumentos utilizados, o papel de cada pessoa na roda, formas de dançar. Logo de início, percebemos que o samba de roda ocorre de maneira distinta em cada cidade. Também ficou evidente a importância das saias durante a dança. Entrei em contato com uma formadora que participou de uma das reuniões pedagógicas na nossa escola (com o tema voltado para a Educação Antirracista) e que havia me falado que possuíam algumas saias na escola em que ela trabalha. Muito prestativa, me enviou as vestimentas para que eu pudéssemos usá-las na dança.

Enquanto as saias não chegaram, as turmas dançaram samba de roda sem elas. Cantamos juntos a música *Sai piaba*, apenas com um pandeiro, enquanto as crianças dançavam no meio da roda.

Nos encontros seguintes, já com as saias, e embalados pelo canto de *Nega Duda*, sugerido por outro colega, professor com o qual eu trabalhava em outra rede de ensino, e com alguns instrumentos musicais como pandeiro, ganzá

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xj6JbrJDHpw>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=068cfxUvP8s>

e prato (vimos em um dos vídeos que o prato é um instrumento utilizado em alguns sambas de roda), as crianças se arriscavam a dançar no meio da roda. Combinamos que a pessoa que estava no meio escolhia quem iria substituí-la. Aos poucos, sem nenhum tipo de acordo prévio, as danças solo no centro da roda deram lugar a danças em duplas ou trios. Outras rodas paralelas se formaram.

“Professor, mas todo mundo tem que usar as saias?”

“Dança com a saia que se sentir bem e estiver à vontade”.

No começo, as meninas se mostraram mais interessadas nas saias. Entretanto, em poucos minutos, vários meninos vestiram-nas também, muito curiosos com os efeitos que a saia fazia enquanto giravam. Vale ressaltar que a quantidade de saias era suficiente para todos os estudantes, por isso, combinamos que revezariam a vestimenta.



Durante esse tempo, consegui entrar em contato com uma colega, também professora de Educação Física, mas da rede municipal de Guarulhos, que foi por muitos anos porta-bandeira. Seu companheiro ainda exercia o papel de mestre-sala em algumas escolas de samba, e sua filha também era porta-bandeira. Ela e seu companheiro se prontificaram a ir à escola para conversar com as crianças e levar alguns adereços. Após adiarmos a visita por duas semanas seguidas devido a imprevistos, conseguimos realizar a roda de conversa numa quinta-feira. Novamente contamos com a participação dos 4<sup>os</sup> anos, pois ainda estavam estudando dança. Mas, desta vez, conseguimos nos organizar: o encontro ocorreu na quadra, em dois momentos distintos, o primeiro

comportando 3 turmas, e o segundo com as outras três. Definitivamente, foi muito melhor comparado à visita anterior.

O casal se apresentou trajando uniformes de uma escola de samba do litoral paulista, na qual desfilam. Apresentaram o pavilhão da escola às crianças. Comentaram um pouco sobre suas trajetórias no samba, especialmente nas escolas em que atuaram, a participação nos desfiles e responderam às perguntas que as crianças haviam preparado e, também, aquelas que surgiram durante a conversa. Mais uma vez, o sapato do mestre-sala chamou a atenção e a dupla explicou como e onde são feitas as fantasias e outros itens que compõem o vestuário dos sambistas. Falaram sobre os símbolos que compõem o pavilhão, abordaram um pouco da história do mestre-sala e da porta-bandeira, as regras de conduta com o pavilhão etc. Depois de responder às perguntas, o casal dançou como costumam fazer nos desfiles. Foi um momento muito bonito. Antes de se despedirem, o mestre-sala dançou com a Luna, que segurava o pavilhão de sua turma.



Finalizada a atividade, como é de praxe, conversei com os(as) convidados para compreender um pouco mais a prática cultural. A assistente de direção, a coordenadora pedagógica e meu colega de Educação Física participaram desse

momento. O casal relatou experiências nos desfiles quando, por exemplo, ele desfilou com uma porta-bandeira que estava grávida, com a gestação avançada. Contaram sobre a exaustiva rotina de ensaios, o peso das fantasias, o incômodo gerado pelo adereço colocado na cabeça e pelos sapatos durante as longas horas de desfile, o tempo de preparação etc.

Expus os detalhes dessa conversa às crianças na aula da semana seguinte, ocasião em que se mostraram eufóricos para expressar suas impressões sobre a interação com uma porta-bandeira e um mestre-sala.

Continuando a tematização, adentramos ao samba-rock. Apesar de não ter sido mencionado nas conversas iniciais, ao longo das aulas soube que uma das estagiárias que acompanhava a turma do 1º ano A era praticante. Assistimos a alguns vídeos<sup>6</sup> e acessamos diversas imagens e pequenas descrições acerca de um possível contexto de origem do samba-rock, suas transformações e personalidades ao longo da história, novamente atentando para as pessoas negras influentes no percurso: Djalma de Andrade, Jorge Ben, Osvaldo Pereira, dentre outros(as). Ao som de algumas músicas de samba-rock, as crianças esboçaram gestos em duplas, tendo como base aquilo que conheciam e que haviam observado nos vídeos. Numa das aulas do 1º Ano A, usei dançar um pouco com a estagiária Nataly, a pedido das crianças.

Nas aulas seguintes assistimos a tutoriais<sup>7</sup> ensinando passos de samba-rock, deslocamentos e giros. As crianças dançaram livremente, ora na sala de aula, ora no pátio externo.

Perguntei à turma como finalizaríamos a tematização do samba. Dentre as sugestões, a realização de uma Festa do Samba que envolvesse a três turmas foi acatada pela maioria. Ao longo do ano, muitas vezes fui interpelado por estudantes dos 1ºs anos contando histórias da EMEI Ana Nery, que haviam frequentado até o ano anterior e que fica ao lado da EMEF, parede com parede. Tudo indicava que guardavam bastante carinho pela antiga escola. Por isso,

---

<sup>6</sup> Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=0MwSVrpwvUA;>  
[https://www.youtube.com/watch?v=R05baulA\\_oQ](https://www.youtube.com/watch?v=R05baulA_oQ)

<sup>7</sup> Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=111EiIY9JBk;>  
[https://www.youtube.com/watch?v=f7p0\\_X0ID34;](https://www.youtube.com/watch?v=f7p0_X0ID34;)  
<https://www.youtube.com/watch?v=MthnLx1kVzg;>  
<https://www.youtube.com/watch?v=JdCVyZSvLgQ;> [https://www.youtube.com/watch?v=F-82\\_H2OXnM](https://www.youtube.com/watch?v=F-82_H2OXnM)

cogitei que a Festa do Samba envolvesse as crianças da EMEI. A ideia foi aplaudida pelas crianças.

Solicitei ao coordenador pedagógico que viabilizasse a vinda de duas ou três turmas da EMEI à nossa escola com o objetivo de participar da festa. Após a confirmação, nos organizamos para recebê-las. Combinamos que cada turma ficaria responsável por apresentar o samba que mais gostaram, sem a necessidade de ensaiar, apenas compartilhando, por meio da dança, os conhecimentos que circularam ao longo do processo. Sorteamos dois estudantes de cada turma para atuarem como porta-bandeira e o mestre-sala, a fim de apresentarem os pavilhões.

A cada samba apresentado, as crianças da EMEI Ana Nery eram convidadas a dançar e participar da festa. Muitas delas vestiram as saias para o samba de roda dos(as) colegas do 1º ano. A visita também possibilitou o reencontro com antigas professoras e a interação com primos(as), irmãos e irmãs menores que estudavam na EMEI.



Durante a tematização do samba, numa das leituras que fizemos, descobrimos que é muito comum ouvir falar nas quadras de escola de samba que os pavilhões carregam toda a energia daqueles e daquelas que já passaram pela agremiação, e quando o pavilhão balança devido aos giros da porta-bandeira, ele espalha toda a energia acumulada para as alas da escola de samba. O nosso desejo (das turmas do 1º ano e meu) é que, quando os nossos

pavilhões balançarem novamente (se balançarem), possam espalhar a energia de todas as crianças e demais envolvidos(as) na trajetória aqui relatada.